

DESIGNER GRÁFICO NA EAD: CONTRIBUIÇÕES ESTÉTICAS, FUNCIONAIS E PEDAGÓGICAS

David Santana Lopes ¹
Tatiana Portela Souza de Oliveira ²

RESUMO

A Educação a Distância (EaD) tem se expandido de forma significativa nas últimas décadas, exigindo a produção de recursos didáticos que aliem clareza conceitual, acessibilidade e qualidade estética. Nesse cenário, o *designer* gráfico assume um importante papel na mediação do conhecimento, ao conferir coerência visual, organização informacional e atratividade aos materiais educacionais. Nesse sentido, o estudo tem como objetivo analisar a importância do *designer* gráfico no âmbito da EaD, a partir de uma abordagem qualitativa que conjuga a análise documental da Nova Política de Educação a Distância lançada em 2025, com as experiências práticas dos presentes autores em uma instituição de ensino superior. Nessa instituição, o *designer* gráfico integra um fluxo de trabalho multidisciplinar, conforme demonstrado na literatura, desde o estudo de Braglia (2013), articulando com revisores ortográficos, *designers* educacionais, profissionais de audiovisual e programadores, o que possibilita uma construção colaborativa e tecnicamente qualificada dos conteúdos. Os resultados evidenciam que a atuação do *designer* gráfico não se limita à dimensão estética, mas contribui para a estruturação lógica e pedagógica dos materiais, promovendo maior legibilidade, engajamento e acessibilidade de forma colaborativa. A análise revela ainda que o trabalho integrado entre os diferentes profissionais favorece a coerência didático-comunicacional, impactando positivamente na aprendizagem dos estudantes. Conclui-se que o *designer* gráfico constitui um elemento estratégico no contexto da EaD, sendo indispensável à consolidação de práticas educacionais inovadoras, interativas e centradas na experiência do usuário.

Palavras-chave: Educação a distância, *Designer* gráfico, Materiais didáticos, Produção multidisciplinar, Políticas educacionais.

INTRODUÇÃO

A Educação a Distância (EaD) consolidou-se nas últimas décadas como modalidade relevante para ampliar o acesso à educação superior e à formação continuada. O crescimento da EaD está relacionado à democratização tecnológica e às novas demandas sociais por flexibilização dos processos formativos. Segundo Belloni (2019, p. 23), “a EaD constitui uma modalidade de ensino que, ao longo de sua trajetória, soube

¹ Doutor em Ensino, Filosofia e História das Ciências pela Universidade Federal da Bahia - UFBA, davidlopes.educacao@gmail.com;

² Graduada em Programação Visual pela Universidade Salvador - UNIFACS, hello@tatianaportela.com.br.



apropriar-se dos recursos técnicos disponíveis em cada época para responder a demandas sociais por inclusão e democratização”.

A consolidação da EaD não se deve apenas à expansão tecnológica, mas também à exigência de novas linguagens educacionais. Moran (2015, p. 67) observa que “o estudante contemporâneo aprende melhor quando imerso em experiências visuais e interativas que dialogam com sua realidade cotidiana”. Isso indica que a qualidade dos materiais educacionais está diretamente relacionada ao modo como são concebidos e apresentados.

Nesse contexto, o *designer* gráfico assume um papel que ultrapassa a dimensão estética. Ele organiza informações, estabelece hierarquias visuais e constrói interfaces pedagógicas acessíveis. Conole (2018, p. 77) afirma que “a clareza visual e a coerência do *design* são determinantes para a qualidade da experiência de aprendizagem”.

A Política Nacional de Educação a Distância de 2025 destaca a necessidade de equipes multidisciplinares para garantir qualidade na EaD, afirmando que “a qualidade da EaD depende da integração entre profissionais de diferentes áreas, incluindo *designers* gráficos, revisores, programadores e docentes” (Brasil, 2025, p. 12). Esse cenário reforça a ideia de que o *designer* gráfico não é mero executor técnico, mas um agente de inovação e comunicação pedagógica.

O presente estudo analisa a importância do *designer* gráfico na Educação a Distância, investigando sua atuação em múltiplas dimensões que envolvem desde a estética até a funcionalidade e a pedagogia. A dimensão estética refere-se à construção de materiais visualmente atrativos, capazes de estimular o interesse e o engajamento discente. No aspecto funcional, destaca-se a organização da informação, a legibilidade e a clareza comunicacional, elementos indispensáveis para a compreensão dos conteúdos em ambientes virtuais de aprendizagem. Já a dimensão pedagógica abrange a contribuição do *design* gráfico na mediação didática, ao estruturar recursos visuais que dialogam com os objetivos de ensino e facilitam a aprendizagem ativa.

Além disso, o estudo discute os impactos da integração do *designer* gráfico em fluxos de trabalho colaborativos, nos quais esse profissional atua em conjunto com docentes, revisores, especialistas em tecnologia educacional e equipes de gestão acadêmica. Essa integração fortalece a produção de materiais educacionais coerentes, acessíveis e alinhados às diretrizes institucionais, promovendo maior qualidade e consistência na EaD. A abordagem adotada permite compreender que o *designer* gráfico



não é apenas um executor técnico, mas um agente estratégico na construção de experiências formativas inovadoras, inclusivas e socialmente relevantes.

METODOLOGIA

O estudo foi conduzido com base em uma abordagem qualitativa, fundamentada em análise documental e revisão bibliográfica. Nesse contexto, Creswell e Creswell (2018, p. 185) ressaltam que “a pesquisa qualitativa permite explorar a complexidade dos fenômenos sociais, interpretando sentidos a partir de contextos discursivos e culturais”.

A principal fonte documental utilizada foi a Política Nacional de Educação a Distância (2025), articulada com produções acadêmicas de autores como Meyer e Rose (2014), Conole (2018), Beetham e Sharpe (2020), Kenski (2021) e Pretto (2022).

O método adotado foi a Análise Crítica do Discurso (ACD), proposta por Norman Fairclough (2016). Segundo o autor, “o discurso não é apenas reflexo da realidade, mas prática social que produz e reproduz relações de poder e ideologias” (Fairclough, 2016, p. 88). Essa abordagem parte do princípio de que a linguagem é constitutiva da vida social, sendo ao mesmo tempo, moldada por ela. Em síntese, a ACD foi aplicada por meio de três etapas principais:

- a) Descrição: exame das características linguísticas e textuais do documento oficial, incluindo escolhas lexicais e construções sintáticas;
- b) Interpretação: análise das relações entre o texto e o contexto de produção, buscando compreender as intenções comunicativas e a posição dos sujeitos envolvidos;
- c) Explicação: investigação das conexões entre discurso e práticas sociais mais amplas, identificando como os enunciados refletem e reproduzem ideologias, disputas de poder e orientações políticas.

Esse percurso metodológico permitiu compreender de que forma a política de EaD de 2025 constrói sentidos sobre a atuação do *designer* gráfico. Além disso, possibilitou relacionar os discursos normativos às reflexões presentes na literatura acadêmica e às práticas pedagógicas em ambientes digitais.

Ainda que não tenha havido coleta de dados empíricos em campo, a triangulação entre a análise documental, a revisão teórica e o procedimento da ACD assegurou uma compreensão ampliada e crítica sobre o objeto investigado.



REFERENCIAL TEÓRICO

O papel do *design* gráfico na Educação a Distância tem sido amplamente discutido em diferentes tradições acadêmicas, tanto no cenário internacional quanto no brasileiro. A literatura aponta que sua relevância não está restrita à dimensão estética, mas envolve questões funcionais, pedagógicas e inclusivas.

Inserido nesse contexto, Conole (2018, p. 80), por exemplo, defende que “a integração entre *design* pedagógico e *design* visual potencializa o engajamento dos estudantes e amplia a efetividade da aprendizagem”. Essa afirmação evidencia que a prática de *design* não pode ser dissociada da intencionalidade pedagógica, pois os aspectos visuais influenciam diretamente na forma como os conteúdos são interpretados e assimilados.

Para Beetham e Sharpe (2020, p. 54), eles ressaltam que “a aprendizagem online demanda recursos que equilibrem rigor acadêmico e usabilidade visual”. As autoras entendem que o *design* educacional deve ser flexível o suficiente para atender diferentes perfis de estudantes, garantindo clareza na comunicação e acessibilidade na interação. Essa perspectiva dialoga com a noção de *Design* Universal para a Aprendizagem (DUA), elaborada por Meyer e Rose (2014). Segundo os autores, “a aprendizagem inclusiva depende da criação de múltiplas formas de representação, expressão e engajamento” (p. 31), o que confere ao *designer* gráfico a responsabilidade de planejar recursos que sejam adaptáveis a diferentes necessidades.

No contexto brasileiro, Kenski (2021, p. 42) observa que “a mediação pedagógica em ambientes virtuais exige recursos comunicacionais planejados, esteticamente atrativos e pedagogicamente consistentes”. Essa análise aponta para a necessidade de equipes multidisciplinares em que o *designer* gráfico atua em parceria com docentes, revisores e programadores. Em complemento, Pretto (2022, p. 59) reforça essa ideia ao afirmar que “a democratização do acesso à educação passa, necessariamente, pela valorização do *design* como dimensão pedagógica da EaD”.

Outros autores também contribuem para a reflexão, como Moran (2015, p. 73) ao destacar que “a aprendizagem acontece quando há emoção, envolvimento e participação ativa do estudante em ambientes comunicacionais bem planejados”. Essa compreensão amplia a função do *design*, já que os elementos visuais e interativos são fundamentais para promover experiências de aprendizagem significativas. Já Peters (2001, p. 112), por sua vez, chama atenção para o caráter tecnológico da EaD, afirmando que “a educação a



distância é marcada pela mediação tecnológica, o que exige atenção especial às formas de comunicação e à qualidade dos materiais”.

Por fim, é importante destacar que as políticas públicas também devem ser consideradas nesse debate, a exemplo da Política Nacional de EaD (2025), o foco de análise do presente estudo. Ela estabelece que a modalidade deve se apoiar em “materiais didáticos diversificados e plurais” Essa orientação normativa confirma o que a literatura já aponta: a centralidade da produção visual e pedagógica como parte integrante do processo educativo.

Além disso, a perspectiva da análise crítica do discurso (ACD) contribui para compreender que os sentidos atribuídos ao *design* educacional são construídos em meio a disputas sociais e políticas. Fairclough (2016, p. 88) destaca que “o discurso é prática social que produz e reproduz relações de poder e ideologias”, o que permite interpretar o lugar do *designer* gráfico não apenas como técnico, mas como sujeito inserido em dinâmicas institucionais.

Portanto, o referencial teórico mobilizado demonstra que o *design* gráfico deve ser reconhecido como dimensão pedagógica, comunicacional e política da EaD. Sua atuação articula estética, acessibilidade, tecnologia e intencionalidade pedagógica, sendo indispensável para garantir a coerência comunicacional e a qualidade formativa dos materiais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise documental realizada evidenciou que a Política Nacional de Educação a Distância de 2025 reconhece a importância de materiais didáticos diversificados, acessíveis e desenvolvidos por equipes multidisciplinares. Esse reconhecimento coloca em evidência o papel do *designer* gráfico, cuja atuação é determinante para que os recursos educacionais alcancem padrões de clareza comunicacional, coerência estética e consistência pedagógica. A política estabelece diretrizes que priorizam acessibilidade, clareza da informação e produção colaborativa, reafirmando o valor do *design* como recurso estratégico na EaD.

Os resultados demonstram que a política avança ao integrar princípios de acessibilidade e inclusão digital, aproximando-se de debates já consolidados na literatura acadêmica. A relação com o *Design* Universal para a Aprendizagem, por exemplo, reforça a necessidade de que os recursos contemplem múltiplas formas de representação e



expressão. Essa exigência amplia o espaço de atuação do *designer* gráfico, que precisa conceber soluções visuais flexíveis e adaptáveis a diferentes perfis de estudantes.

Outro ponto identificado refere-se à ênfase dada à interação nos polos presenciais e às atividades síncronas mediadas. Embora essa diretriz busque garantir qualidade acadêmica, também impõe limites à inovação, ao manter estruturas de controle como a obrigatoriedade de avaliações presenciais majoritárias. Do ponto de vista discursivo, a Análise Crítica do Discurso (ACD) mostrou que a política articula dois eixos centrais: o incentivo à inovação pedagógica e a ênfase em produtividade e escalabilidade. Essa ambivalência demonstra que o discurso sobre o *design* gráfico na EaD transita entre a valorização da experiência do estudante e as demandas institucionais por eficiência e padronização.

A literatura recente reforça esse contexto, por exemplo, Conole (2018) destaca a importância de integrar *design* pedagógico e gráfico para maximizar o engajamento discente. Em complemento, Beetham e Sharpe (2020) apontam que as práticas de *design* em ambientes digitais precisam considerar tanto a clareza estética quanto a flexibilidade pedagógica. Já Kenski (2021) e Pretto (2022) evidenciam que, no Brasil, a interdisciplinaridade é determinante para a qualidade da EaD, com o *designer* gráfico atuando como elo entre conteúdo, tecnologia e acessibilidade.

O quadro comparativo apresentado a seguir (Quadro 1), construído a partir da literatura estudada, mostra que, desde os primeiros estudos sobre EaD, o foco esteve na mediação tecnológica e na necessidade de qualidade comunicacional. Ao longo do tempo, as discussões evoluíram para destacar acessibilidade, inclusão, engajamento estético e integração de equipes multidisciplinares. Em 2025, a perspectiva passa a incluir a institucionalização da EaD como condição para a qualidade socialmente reconhecida, reforçando que o *design* gráfico não se restringe à dimensão estética, mas contribui para a construção da identidade institucional e para a legitimação social da modalidade.

Quadro 1: evolução das discussões teóricas sobre EaD, tecnologias e *design* gráfico

Referencial	Discussões teóricas ao longo do tempo	Correspondências na Política Nacional de EaD (2025)	Implicações para o <i>designer</i> gráfico
Meyer e Rose (2014)	Defesa do <i>Design</i> Universal para a Aprendizagem, com múltiplas formas de representação e engajamento.	Orientações sobre acessibilidade e desenvolvimento de competências por meio das TICs.	Soluções gráficas inclusivas e adaptáveis às necessidades dos estudantes.



Moran (2015)	Aprendizagem favorecida por experiências estéticas e emocionais planejadas.	Valorização das atividades síncronas mediadas e interações nos polos EaD.	<i>Design</i> que estimula vínculo emocional e engajamento dos estudantes.
Conole (2018)	Integração entre <i>design</i> pedagógico e <i>design</i> visual para clareza e organização da informação.	Ênfase em qualidade acadêmica e clareza dos materiais educacionais.	Responsabilidade pela coerência comunicacional e legibilidade.
Beetham e Sharpe (2020)	Equilíbrio entre rigor acadêmico, atratividade visual e acessibilidade em ambientes digitais.	Diversificação de materiais didáticos e pluralidade de formatos.	Recursos visuais que conciliem clareza conceitual e adaptação a diferentes públicos.
Kenski (2021)	Necessidade de equipes multidisciplinares na mediação pedagógica em EaD.	Criação da figura do mediador pedagógico e valorização da docência.	Trabalho colaborativo em fluxos de produção didática.
Pretto (2022)	<i>Design</i> como dimensão pedagógica e social da EaD.	Polos EaD reconhecidos como espaços de interação e identidade institucional.	Construção da identidade visual e pedagógica dos cursos.
Chaquime e Mill (2025)	Institucionalização da EaD como condição para qualidade socialmente reconhecida.	Valorização da docência e polos EaD como espaços de identidade e compromisso social.	<i>Design</i> como elemento legitimador da modalidade e de sua identidade institucional.

Fonte: Autores.

Após a sistematização apresentada no quadro, observa-se que a literatura contemporânea converge ao destacar que a atuação do *designer* gráfico deve ser compreendida como dimensão pedagógica e estratégica, e não apenas como um suporte estético ou técnico. A análise evidencia que, quando integrado a equipes multidisciplinares e respaldado por políticas públicas, o *design* gráfico amplia a coerência comunicacional, fortalece a acessibilidade e contribui para aprendizagens mais significativas. Essa constatação reforça a importância de consolidar sua presença nos fluxos de produção da EaD, garantindo que os materiais educacionais dialoguem tanto com demandas tecnológicas quanto com princípios pedagógicos e inclusivos.

Do ponto de vista prático, a presença efetiva do *designer* gráfico em equipes multidisciplinares pode potencializar a qualidade dos materiais, ampliando o alcance da acessibilidade e promovendo maior engajamento dos estudantes com os conteúdos. Essa integração favorece a consolidação de práticas educacionais inovadoras, ao mesmo



tempo, em que responde às exigências de padronização e regulação estabelecidas pelos documentos normativos.

Por fim, os resultados ainda indicam que a atuação do *designer* gráfico pode ser entendida como mediação visual inseparável da mediação pedagógica. Isso significa que a qualidade da EaD não depende apenas do conteúdo e das tecnologias utilizadas, mas também da forma como o conhecimento é visualmente estruturado e disponibilizado. Essa constatação aproxima teoria, prática e política, além de sugerir que o fortalecimento da educação digital no Brasil exige não apenas investimentos tecnológicos e normativos, mas também no reconhecimento institucional da relevância desse profissional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo demonstrou que o *designer* gráfico ocupa posição estratégica na Educação a Distância contemporânea, atuando como mediador entre tecnologia, conteúdo e pedagogia. Sua função ultrapassa a estética e se estende à organização da informação, à acessibilidade e à construção de experiências formativas que favoreçam a aprendizagem.

A análise, através da ACD, evidenciou que os documentos normativos, como a Política Nacional de Educação a Distância (2025), reconhecem a importância do *design* ao estabelecerem que a modalidade deve se apoiar em materiais didáticos diversificados e plurais. Essa valorização se relaciona diretamente com a necessidade de assegurar clareza, flexibilidade e inclusão nos processos educacionais. Em suma, esse processo ocorre em um cenário de tensões, no qual a inovação pedagógica convive com estruturas de regulação e controle. Isso revela que a inserção do *designer* gráfico está associada a disputas institucionais, mas também abre espaço para práticas democráticas e inclusivas.

Do ponto de vista prático, os resultados apontam que a presença do *designer* gráfico em equipes multidisciplinares fortalece a qualidade dos materiais, amplia a acessibilidade e promove maior engajamento dos estudantes. Essa integração contribui para consolidar práticas educacionais inovadoras e socialmente relevantes.

Conclui-se que a valorização do *designer* gráfico na EaD é condição para assegurar coerência comunicacional, clareza pedagógica e inclusão social. Sua atuação, articulada a políticas consistentes e a práticas colaborativas, representa um caminho promissor para o fortalecimento da educação digital no Brasil.



REFERÊNCIAS

- BELLONI, M. L. **Educação a distância**. 7. ed. Campinas: Autores Associados, 2019.
- BEETHAM, H.; SHARPE, R. **Rethinking pedagogy for a digital age: principles and practices of design**. 3. ed. New York: Routledge, 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação a Distância**. Brasília: MEC, 2025.
- CHAQUIME, L. P.; MILL, D. Institucionalização da EaD: perspectivas para se pensar a oferta de cursos com qualidade socialmente referenciada na Região Sudeste do Brasil. **EmRede – Revista de Educação a Distância**, v. 12, 2025. Disponível em: <https://www.aunired.org.br/revista/index.php/emrede/article/view/1093>. Acesso em: 22 set. 2025.
- CONOLE, G. **Designing for learning in an open world**. 2. ed. London: Springer, 2018.
- CRESWELL, J. W.; CRESWELL, J. D. **Research design: qualitative, quantitative, and mixed methods approaches**. 5. ed. Thousand Oaks: SAGE Publications, 2018
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. 2. ed. Brasília: Editora UnB, 2016.
- KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. 5. ed. Campinas: Papyrus, 2021.
- MEYER, A.; ROSE, D. H. **Universal design for learning: theory and practice**. Wakefield: CAST, 2014.
- MORAN, J. M.. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. 6. ed. Campinas: Papyrus, 2015.
- PETERS, O. **Educação a distância em transição**. São Paulo: Cortez, 2001.
- PRETTO, N. **Democratização da educação e cultura digital**. Salvador: EDUFBA, 2022.

